

A voz feminina da solidariedade

Andréa Pinheiro Paiva Cavalcante¹

Resumo: O presente artigo é parte da pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária Edson Queiroz: um estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia*. Foi realizada no período de 2004 a 2006 e apresenta reflexões sobre o programa radiofônico *A Força da Mulher Solidária*, apresentado às quartas-feiras, às 19h30, na Rádio Comunitária Edson Queiroz, em Fortaleza. O texto discute à luz da concepção teórica proposta por Jesús Martín-Barbero, o bairro como espaço de mediação e de produção de sentido, bem como o fazer radiofônico de um grupo de mulheres da periferia.

Palavras-chave: rádio, identidade, mulher

Introdução

Nada seria tão político quanto a cultura da vida popular! Se tomarmos o cultural como político também, consideramos os lugares de fala como ensaios de sujeitos históricos em seu percurso dialógico. Dessa forma é que a passagem do cultural como objeto epistemológico (caminho do conhecer) para a cultura como lugar de enunciação, promulgador de novas inserções, fluxos, identidades e diálogos, abre caminhos para considerarmos os espaços narrativos como prefigurativos de utopias provisórias; como explicitadores também de metáforas e desejos. Como construtores de sujeitos.

Nessa enunciação – a partir de tomarmos essa função enunciativa como possível e passível de tornar-se visível – é que buscamos sujeitos desses lugares de fala e, pois, construtores de sua experiência.

Assim é que os lugares de fala popular, que alcançamos vislumbrar na pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária Edson Queiroz: um estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia* subvertem uma razão dominante, sufocadora de novos grupos e possíveis emergentes, recolocando lugares e sujeitos híbridos, propositores de alternativas, negociadores de sentido, na tessitura do que é cultural e político. Cabe perguntar: como é possível perceber o político na cultura a partir do movimento de construção de grupos emergentes, no espaço deles de fala no rádio?

1. A Comunidade do Dendê

A comunidade do Dendê conta com aproximadamente 20 mil habitantes e está localizada no bairro Edson Queiroz, em Fortaleza. A área limita-se com a Universidade de

¹ Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante é jornalista, mestre em Educação e professora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: andrea@virtual.ufc.br

Fortaleza e está compreendida pelas margens do Rio Cocó, de um lado e de outro, pelo Condomínio Residencial Village II². A maioria das famílias que hoje mora no local chegou ao bairro na década de 1970, após serem removidas das favelas Verdes Mares, Dom Luiz, Cervejaria Brahma, Cidade 2000, Hospital Geral de Fortaleza e Praia do Meireles.³

Pode-se dizer que no bairro Edson Queiroz convivem lado a lado, a pobreza extrema e a riqueza, visto que além de abrigar diversos equipamentos importantes como o Fórum Clóvis Beviláqua, o Centro de Convenções e a Universidade de Fortaleza, a região abriga condomínios residenciais de luxo.

Carleial e Matos consideram que a presença de populações pobres em bairros considerados de classe média alta em Fortaleza rompe com o mito de que na cidade pobreza e riqueza estão apartadas nas regiões oeste e leste, respectivamente.

“Todos estes fatores, relativos à divisão de Fortaleza em Leste-Oeste, são reais e compõem a situação urbana desta cidade; porém, a questão que se está discutindo refere-se a desconstrução dessa idéia que abstrai a natureza das desigualdades sociais como condição de existência da própria cidade. Essa segregação social não está localizada em uma área física particular desta cidade, mas permeia toda a sua dimensão. Desta forma, essa realidade social é tensa e contraditória, em toda a extensão da metrópole, onde os conflitos entre os ricos e os pobres aparecem nas formas de uso da terra urbana. Esse processo de luta urbana é permanente, e continuará a redefinir os espaços físicos na cidade. Portanto, essa visão partimentada de Fortaleza, em Leste-Oeste, nega a amplitude e a generalidade na capital, das relações desiguais de poder entre os proprietários e os sem tetos, expressas na especulação imobiliária, e na vinculação entre senhores de terrenos citadinos e o governo”. (CARLEIAL e MATOS, 2003: 07)

Hoje conhecido como Edson Queiroz, em uma homenagem ao empresário que construiu nas proximidades a Universidade de Fortaleza, na década de 1970, o local tinha o nome de Água Fria e abrigava ali diversas salinas e manguezais, aliás, como toda a região às margens do Rio Cocó.

No entanto, com o deslocamento de várias famílias, o que antes era uma região de sítios e chácaras, cujas terras predominantemente pertenciam ao empresário Patriolino Ribeiro

² A extensão do bairro tem aumentado devido às novas ocupações. Essa delimitação é da década de 1990 e está publicada no livro *A Política da Escassez – Lutas Urbanas e Programas Sociais Governamentais*, BRAGA, Elza Maria Franco e BARREIRA, Irllys Alencar Firmo (Coordenadoras). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991

³ Pesquisa: O Adolescente do Dendê – comunidade, comportamento e sexualidade. Unifor, 1992

(BRAGA e BARREIRA, 1991), rapidamente ganhou outra conformação urbana e passou a ser identificada como Favela do Dendê. Hoje muitos dos habitantes preferem o nome Edson Queiroz e como se trata de um extenso local, há várias localidades, uma, inclusive, denominada particularmente de Dendê, que fica nas proximidades da Igreja de São José, o templo mais antigo do bairro. E como os habitantes do Dendê percebem esse pertencimento ao bairro ? Nessa perspectiva, vejamos como se nomeiam os moradores do bairro Edson Queiroz.

De início, contextualizaremos como os habitantes se percebem moradores de um bairro popular do Dendê, situando o programa A Força da Mulher Solidária, objeto do meu estudo, no contexto organizativo local.

Como nos assegura Hall (1991, p.49) identidade não é algo que é formado fora e no final, fazemos histórias sobre ele. É o que está narrado na nossa própria pessoa e possui sua inscrição nas identidades coletivas.

João Almeida, fundador da Rádio Comunitária Edson Queiroz, considera que não há diferença entre as partes do bairro, mas acha que as pessoas que moram próximo à Igreja de São José se sentem privilegiadas.

“Lá é só um círculo pequeno de casas e as pessoas de lá, se sentem, eu acho, que de forma privilegiada, eu não sei. Eu acho que eles que lá o Dendê é diferente daqui. É tanto que lá eles chamam aqui de favela do Edson Queiroz e lá eles chamam de Dendê, eu também não entendo, tem que fazer um estudo para saber o porquê dessa coisa.” (João Almeida)⁴

Para Raimundo Severo⁵, ex-Presidente da Associação de Moradores do Bairro Água Fria, o nome Dendê refere-se ao fruto do Dendezeiro, árvore que produz o azeite e que é bastante conhecido devido à sua ampla utilização na culinária baiana e que era cultivada por índios que teriam habitado a região, mais especificamente o local que é o final da linha do ônibus e até hoje é identificado como Dendê.

Segundo Severo, a divisão entre Dendê e Edson Queiroz aconteceu no primeiro Governo Tasso Jereissati (1987-1990) para facilitar a organização dos bairros.

(...) “Porque o Edson Queiroz é muito amplo, ele vem lá do Iguatemi até aqui o Ari de Sá, próximo ali a Washington Soares, então assim, como aqui é uma comunidade e eu até costume dizer que nós estamos aqui cercados, somos uma ilha e esse nome Dendê é até para tentar identificar melhor a comunidade

⁴ Entrevista realizada no dia 15/06/2005

⁵ Entrevista realizada no dia 07/07/2005

do Edson Queiroz, mais muitas pessoas não gostam de que chamem aqui de Dendê, Dendê é lá no final da linha”. (Raimundo Severo, ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Água Fria)⁶

Neste caso optou-se por usar o termo Dendê para designar a região onde está inserida a Rádio Comunitária Edson Queiroz, por compreender que o local integra um bairro maior, que é o Edson Queiroz e a comunidade apresenta limites geográficos bem específicos, como já citado anteriormente.

A região do Dendê completou em 2005, no mês de setembro, 35 anos. Ao longo dessa história, muitas lutas foram empreendidas para que os acessos à água e energia elétrica fossem assegurados aos moradores, assim como escolas, pavimentação, posto policial e muitos programas assistenciais governamentais.

A organização dos moradores aconteceu através do trabalho de entidades como a Igreja Católica e a FASE (Fundação de Assistência Social e Educacional), ONG que atuou por várias décadas em Fortaleza e que contribuiu para a fundação da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza em 1982.

No Dendê a primeira entidade foi fundada em 1981, a Associação dos Moradores da Água Fria, ainda em funcionamento. Atualmente estão em atividade cerca de sete entidades: Associação dos Moradores da Água Fria, União das Entidades, Entidade Comunitária de Cultura, Esporte e Desenvolvimento do Bairro Edson Queiroz (ECCED), Associação Comunitária do Dendê, Associação Nosso Lar e Associação dos Pais. O trabalho realizado pela Igreja Católica hoje está muito mais relacionado às práticas religiosas, tais como a catequese, do que a organização popular realizada no final dos anos de 1970. Há ainda atuação da Igreja Batista que desenvolve projetos de assistência a criança e ao jovem e o Instituto Florestan Fernandes que atua na área da economia solidária.

Merece destaque a forte presença de times de futebol no Dendê. Hoje existem cerca de 28 times ‘calçados’ e 15 times ‘descalços’, sem contar os times de futebol de salão, que chegam a 15. Segundo Raimundo Severo, há um time de futebol que já conta com 50 anos de existência, o Dendê Esporte Clube⁷

⁶ Idem

⁷ São times de futebol que jogam de chuteira e uniformizados. O número de times de futebol é uma estimativa dada pelo ex-presidente da Associação de Moradores da Água Fria, Raimundo Severo, em 07/07/2005

O grupo de Sócio Economia Solidária ganha relevância no contexto desta pesquisa, visto que foram as integrantes do referido grupo que se organizaram e colocaram no ar o programa *A Força da Mulher Solidária*, objeto de reflexão deste texto.

Percebe-se na contemporaneidade, como os fluxos e as interações propiciam formas de hibridação produtiva, comunicacional e que possuem sua inflexão mesmo nos estilos de consumo das populações. Como diz Canclini (XXXI, 2003): “Às modalidades clássicas de fusão, derivadas de migrações, intercâmbios comerciais e das políticas de integração educacional impulsionadas por Estados nacionais, acrescentam-se as misturas geradas pelas indústrias culturais”.

Se os produtos locais como o artesanato e as músicas nativas, bens simbólicos, como nomeia Bourdieu (1987) são expropriados por empresas turísticas e de comunicação, em grande parte transnacionais, a verdade é que há reações diferenciadoras e novas proposições de intercâmbio entre grupos culturais externos e locais.

O exemplo do grupo de Sócio Economia Solidária é revelador desses possíveis que absorvem a racionalidade instrumental e massiva e, mesmo no seio dela, a subvertem em parte.

Gohn (1997) já assinalava um deslocamento do eixo das pesquisas sobre participação social que dariam ênfase à lógica racional do sistema, feitas pelas análises marxistas mais clássicas, para uma lógica de racionalidade diversa, que foi se adensando no tempo, embora sem abandonar referenciais marxistas como a noção de confiabilidade entre classes sociais. Das demandas negociáveis, feitas mediante partidos e sindicatos, nos estudos sobre participação popular, passa-se a observar, na contemporaneidade, a formação de demandas não tão visíveis numa primeira visada, nem tão explicitamente negociáveis no seio das interações coletivas vividas pelos grupos populares.

Compreender determinantes estruturais de classe não parecia mais suficiente para tornar visíveis os mecanismos de resistência que se davam na crítica da cultura, em meio às contradições urbanas da periferia da cidade. Como tornar visível o percurso da pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Edson Queiroz: um estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia?*, eu me perguntava.

A ação do Instituto Florestan Fernandes no Dendê, que funcionara como ambiência impulsionadora para o grupo de mulheres e sua atuação, começa em 1999. O presidente do Instituto, Eudes Xavier, mora no bairro desde a década de 1970 e desde a juventude é

envolvido com ações na comunidade, o que facilitou a mobilização para a realização do Curso ABC da Sócio Economia Solidária, realizado em 2001.

O grupo do Dendê teve o apoio do Banco Palmas, do Conjunto Palmeira, experiência de referência nas práticas de economia solidária em todo o Brasil e no exterior. As pessoas que concluíram o curso organizaram então, uma feira no bairro, motivadas pelo curso e também pelo dia das mães que se estava próximo. A primeira feira foi realizada no dia 12 de maio de 2001.

Desde então o grupo composto por mulheres, em sua maioria, realiza aos sábados uma feira com venda de artesanatos, comidas, produtos naturais e bijuterias. Além de ser um espaço de geração de renda para as pessoas envolvidas, a feira é uma atividade de lazer que mobiliza todo o bairro.

À expressividade religiosa, festiva (com seus “louva” e suas comemorações inseridas no contexto da comunidade imaginada (Bhabha) vivida pelas gentes do bairro) acrescentam-se os percursos de uma micro-estética do cotidiano, que vai se urdir no bairro.

Assinalando o bairro como lugar de reconhecimento entre as pessoas e de sedimentação de vínculos diversos, o bairro é visto por Martin-Barbero como “uma arquitetura para humanos”, como fato cultural que integra, comunica e une cada pessoa, em um modo particular de viver o que é comum dentro do múltiplo que é a periferia. Como Martin-Barbero (p.274) afirma: “Frente à provisoriade e à rotatividade do mercado de trabalho que, sobretudo em tempos de crise dificultam a formação de laços permanentes, é no bairro que as classes populares podem estabelecer solidariedades duradouras e personalizadas”.

No bairro, as mulheres da periferia, observa Martin-Barbero, assumem uma *maternidade social*, posto que além das atribuições domésticas realizadas se lançam em novas experiências de geração de renda, de organização social e também política, como vemos no grupo de Sócio Economia Solidária.

“O acesso à cotidianidade do bairro passa necessariamente pelo reconhecimento do protagonismo das mulheres.(...) E elas fazem o bairro a partir de uma percepção do cotidiano configurada basicamente na maternidade. Uma *maternidade social* que em vez de se fechar na família faz do bairro seu espaço de instalação e exercício”. (MARTIN-BARBERO, 1987: 272)

É justamente isso que chama atenção na experiência do Dendê: como o bairro passa a ser vivido pelas mulheres da Economia Solidária. Adquirindo uma outra identidade que não mais a de região ‘violenta’, com condições de vida precária e com muita pobreza, no bairro se reinventa a vida a partir da solidariedade e de um tipo de mobilização que nasce das mulheres, daí a expressão *maternidade social*, proposta por Martin-Barbero se adequar tão bem no caso da comunidade do Dendê.

O bairro da periferia, para as classes populares vai ser o lugar de passagem das referências baseadas nos laços de sociabilidade mais ampla, não tão formais ou instáveis como as que se nas moradias das classes meia e alta. Como diz Martin-Barbero:

“O bairro surge, então, como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade ...(...)Embora não renunciemos a concepção estrutural de conflitividade social, que se tece por meio essencialmente da categoria do trabalho, sabemos que “não é no mercado nem no lugar de trabalho onde (as identidades) se constituem e transmitem, e sim na família e no bairro onde se mora perto com vizinhos e amigos”. (MARTIN-BARBERO, 1997, p.274)

Nessa instância se pode reconhecer a produção de subjetividades que se dá por meio da construção simbólica realizada pelos setores populares da periferia, o que implica a busca do político no cultural como instância de resistência.

A feira de economia solidária que acontece aos sábados trouxe para o bairro uma alternativa não apenas de geração de renda, mas também integração e lazer. É comum a presença de famílias inteiras que vão à “feirinha”, como é chamada no bairro, para se divertir, passear, encontrar os amigos. Como a área é desprovida de atividades de lazer, a feira se configura como uma alternativa de entretenimento para os moradores do Dendê. Martin-Barbero confere à feira, como também ao bairro, um espaço de sociabilidade que nem sempre é percebido pelos estudos acadêmicos.

“A feira, então, não surge apenas como resultado de um processo de degradação, absorção do festivo pelo comercial, mas como lugar de modelagem cultural da *dimensão lúdica* – essa dimensão tão esquecida pela sociologia crítica que só presta atenção às dimensões sérias, “produtivas” – e de constituição de *identidades coletivas locais*, regionais, em sua ligação e confronto com a nacional. As feiras são resultado de um processo, mas com várias dinâmicas, já que desde o início foram celebração religiosa e mercado ao mesmo tempo. Daí que

a dominação da dinâmica comercial é mera parte de um processo cuja transformação inclui outros referentes e outros dispositivos”.(Idem, pg. 314)

Os participantes do grupo de mulheres da feira da praça do Dendê foram urdindo sua movimentação através de oficinas de alimentação, bijuterias, remédios caseiros e corte costura. Além da feira, o grupo organizou e montou a loja Dendê Sol para comercializar a produção de confecção de roupas, bijuterias e artesanatos. Atualmente a loja está fechada devido à dificuldade de ter uma pessoa que possa ficar lá todos os dias. Até meados de 2005, o grupo pagava uma pessoa da comunidade para ficar na loja no período da tarde, mas as poucas vendas impossibilitaram a permanência de uma pessoa no local. A alternativa foi, a cada semana, fazer uma rifa de uma peça do estoque, entre as próprias participantes do grupo.

O grupo de mulheres tem uma rotina própria. Aos sábados, a partir das 17h, começam a ser montadas as barracas na Pracinha da Justiça (como é chamada a área descampada situada nas proximidades do Fórum Clóvis Beviláqua), sob a responsabilidade de dois participantes do grupo. Eles transportam as barracas, montam e desmontam ao final da feira. Em contrapartida, cada pessoa do grupo colabora com R\$ 1,00, o que significa dizer um rendimento médio de R\$ 15,00. Através de recursos do Governo Federal, o Instituto Florestan Fernandes contribui com uma pequena verba que, acrescida ao valor da contribuição das mulheres do grupo, possibilita destinar a cada um deles, R\$15, 00, por semana.

Às segundas-feiras, às 19h, na sede do Instituto Florestan Fernandes, o grupo se reúne para fazer uma avaliação da feira realizada no sábado anterior e discutir questões relacionadas às ações do grupo.

Observa-se como o âmbito individual e social do grupo, vivido no bairro, envereda pelo âmbito organizacional. É importante anotar que, assim, não alargam apenas suas redes de interação e recursos, mas a própria dimensão da luta social que, no concreto, parte de áreas de consenso bem próximas do mundo vivido (a maneira de vivenciar a dimensão do feminino). Esse universo das micromobilizações vai fomentar a ocupação de novos lugares e novas lutas sociais em percursos que os grupos de bairro, como o das mulheres do Dendê, constroem, partindo dessa quase subreptícia saída do mundo privado da família para o mundo social do bairro.

1. A Rádio Edson Queiroz

Identificar a urdidura dos percursos grupais no tecido da cultura, onde medra o político no bairro, pareceu-nos o primeiro passo que demos. Nessa perspectiva, veríamos como se gesta e se desenvolve o amálgama de histórias de vida diversas, nos levando ao encontro da experiência de comunicação desenvolvida no bairro há mais de uma década, a Rádio Comunitária Edson Queiroz. Perceber a rádio como um elemento que dialoga com o presente, passado e futuro refazendo e gestando subjetividades implicava dar um outro sentido à experiência de comunicação comunitária, não somente vinculada à difusão de informações e de entretenimento. Enxergava, ali, um claro sentido político, que se distanciava dos modelos funcionalistas e dos estudos clássicos sobre comunicação massiva. Aqui, ao pensar em subjetividade e resistência eu também estaria a articular a esfera da economia libidinal, a dimensão dos desejos no sujeito pulsional. (GUATTARI, 1999)

O fundamental, então, seria distanciar-me da pretensa exterioridade do imaginário em relação à esfera produtiva. Dentro desse âmbito discursivo, a escolha para compreender a comunidade a partir da rádio, foi claramente intencional. Poderia ser a Rádio Comunitária um espaço de onde se compreenderia melhor as micromobilizações no bairro e a construção das subjetividades que se dão no tecido da cultura, vista também como lugar do político ?

A Rádio Comunitária Edson Queiroz foi fundada em 1994 pelos irmãos Leandro Ribeiro e João Almeida, moradores do bairro. Eles organizavam festas na comunidade e nas imediações e motivados pela experiência do Conjunto Alvorada, conjunto habitacional que passou a designar o bairro e que fica nas proximidades, resolveram instalar uma rádio de alto-falantes na comunidade. A emissora nunca teve finalidade lucrativa, asseguram os fundadores. O objetivo, segundo eles, é servir à comunidade, mediante veiculação de músicas, informações e prestação de serviços.

“Na época a gente era um grupo de 3 pessoas. Era eu, o Leandro e o Santos. Nós éramos adolescentes que pensávamos muito diferentes dos outros aqui do bairro, a gente queria crescer, queria ver um crescimento, ver o bairro crescer, a gente batia muito nessa tecla. A gente gostava de música e gostava de rádio, e a gente sempre matutava um para o outro. A gente tinha maior vontade de trabalhar no rádio, na época era até você entrar numa rádio dessa tipo Cidade, essas outras que existiam era difícil. Uma vez a gente viu um sistema tipo desse que a gente usa aqui, no centro da cidade, aquelas caixas de som funcionando, fazendo comercial, tocando música, aí a gente começou: - Rapaz, vamos colocar uma rádio ? Aí os meninos: - Tu é doido. Como é que nós vamos colocar uma rádio ? (João Almeida)⁸

⁸ Entrevista realizada no dia 15/06/2005

A rádio do Dendê, constitui-se em uma experiência de emissora comunitária cuja veiculação não se dá através de transmissores de ondas eletromagnéticas, mas de caixinhas de som, afixadas em alguns postes da comunidade. Apesar dos organizadores estimarem que a disposição das caixas atinja cerca de 70% da comunidade, é fato que esse tipo de transmissão considerado ainda vertical e impositivo, posto que não oferece ao ouvinte a possibilidade de desligar ou mesmo mudar de emissora, cobre uma parte restrita do bairro e se concentra, naturalmente, nos locais onde estão afixadas as caixas de som. Vejamos como um integrante do grupo de fundação da Rádio do Dendê nomeia o percurso vivido:

Aí eu disse: - Vamos fazer o seguinte, vamos começar a juntar um dinheiro, vamos fazer umas festas para a comunidade, para o povo, vamos juntar um dinheiro e vamos comprar umas coisinhas e vamos botar uma rádio, vamos conversar com alguns comerciantes que talvez acreditem na nossa idéia, apóiem e dêem uma força no início. E foi o que aconteceu mesmo. A gente fez umas festas, um juntou um dinheiro aqui, juntou um dinheiro dali e a gente comprou um equipamento muito pequeno na época que foi só um *mixadorzinho* pequeno, dois toca disco antigo daqueles de vinil e um tape decke e um amplificador emprestado. A gente juntou aquele dinheirinho e comprou 4 caixas de som daquelas que hoje tem nos postes. Primeiro começamos a montar um estúdiozinho porque a gente tinha o equipamento e não tinha aonde colocar, o Leandro cedeu o espaço da frente da casa dele, a gente montou um estúdio. A gente passou um bom tempo dentro daquele estúdio bolando como fazer os programas, ensaiando como fazer, fazendo uns papéis, *ensaiando uns papéis...*". (João Almeida)⁹

A emissora funciona de 8h às 12h e das 16h às 21h e tem programação bem diversificada, onde a música predomina. Porém há programas de caráter informativo, como as produções semanais realizadas pelos estudantes de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, o programa esportivo feito por uma equipe de colaboradores da rádio e que fazem parte dos inúmeros times organizados na comunidade e o programa *A Força da Mulher Solidária*, tema deste artigo.

O programa *A Força da Mulher Solidária* nasceu do desejo das mulheres do grupo de Economia Solidária do Dendê de terem um espaço próprio para divulgar as ações que realizam no bairro há mais de cinco anos. A participação no estudo de recepção do *Programa Momento Saúde* que aconteceu em encontros semanais no período de abril a setembro de

⁹ Entrevista realizada no dia 15/06/2005

2005 também serviu como estímulo ao grupo que nunca havia tido qualquer experiência de comunicação.

A Força da Mulher Solidária

O programa *A Força da Mulher Solidária* foi ao ar pela primeira vez no dia 14 de setembro de 2005, às 19h30, pela Rádio Comunitária Edson Queiroz. A apresentação do programa é feita pela coordenadora do grupo e que foi uma entusiasta da idéia desde o início.

Antes, no entanto, o grupo fez uma simulação de como seria fazer um programa de rádio, no dia 05 de setembro do mesmo ano. No encontro semanal que reúne todo o grupo, às segundas-feiras, organizamos um microfone, caixa acústica e combinamos de conversar sobre o tema da economia solidária.

Dona Cilene foi a apresentadora e foi puxando a conversa com todos os presentes, a partir da pergunta: “o que é economia solidária para você ?” Com este mote, as pessoas foram se revezando no microfone e relatando o que viviam a partir da experiência do grupo. Todos falaram. Foi um momento de extrema beleza acompanhar os depoimentos espontâneos e cheios de verdade: muito riso, muita emoção...Tudo estava sendo gravado. Ao final, o grupo fez uma pequena avaliação: todos gostaram da experiência e perceberam a simplicidade de organizar um programa de rádio.

O “ensaio” serviu para as mulheres protagonizarem novos papéis e, daí, se observarem de outros lugares, fazendo comunicação a partir da sua cultura. Híbrida, certamente, com empréstimos e interfaces com o massivo e o que assimilavam sem maior reflexão.

No entanto, no programa, as mulheres se diziam “donas de sua voz”, encaminhando suas palavras, construindo novos espaços de onde o popular que aí se articulava interpelava outras racionalidades empresariais, supostamente monovalentes. No próprio grupo de mulheres se via um dialogismo que reinventava as “vozes do outro” e fazia erguer as suas, em uma mixagem evidente do pluralismo em diálogo.

Ao se colocarem como novas empreendedoras (como apresentaram no primeiro programa) assimilavam os nomes, as referências recebidas na área institucional e estatal, vivida por meio das oficinas no Instituto Florestan Fernandes. No entanto, subvertiam essa lógica. Ao continuarem sua fala se intitulando mulheres solidárias do bairro do Dendê (Programa 2), apontavam um percurso de lutas palmilhadas pelo grupo. Haviã vivido uma face doméstica, de grupo de vizinhança que foi se urdindo aos poucos. Logo depois, todavia, o grupo teve seu desenvolvimento por meio de uma costura de lutas contra a violência; contra

o modo eram vistas pelo Outro que ali “ia rotular nosso filhos” e como buscaram propor a instauração da praça que se erigia no coração do Dendê. Uma espécie de textualidade do signo disjuntivo parecia se explicitar nesse caminho: no próprio programa se explicitava um “nós queremos ser vistas assim” e um “não queremos ser tidas como qualquer coisa porque somos da periferia”...do Dendê !

Partindo dessa compreensão, o grupo logo se dispôs a criar um nome para o programa. Muitas sugestões, muitas idéias e alguém propõe: a Força da Mulher Solidária. A idéia rapidamente é aceita e o grupo parte para mais uma etapa de decisão: que música usar na abertura do programa. A indicação de *Maria, Maria* (Milton Nascimento/Fernando Brant) foi muito rápida e o grupo todo concordou. As mulheres se identificavam com a cor e a garra que o autor condensava no texto de *Maria, Maria*, como diziam. Nascia ali o programa *A Força da Mulher Solidária*, feito pelas mulheres e com elas muito parecido. Depois de todas as decisões, o grupo foi ouvir a gravação recém-realizada.

A escuta coletiva proporcionou a certeza de que era possível fazer o programa, vencer o desafio do microfone, da voz “não profissional”, das inseguranças todas; também parecia assinalar uma metodologia de trabalho que o grupo ia perseguindo: a flexibilidade coletiva após o fazer partilhado.

“Esse é um trabalho de extremo valor”-concluíram. Até gente de fora já percebe e diz isso (referindo-se à minha inserção). Tudo de forma muito espontânea, com muito riso, muita alegria, o simples prazer do reconhecimento da própria voz gera um encantamento cuja manifestação mais profunda é o brilho no olhar de cada uma delas.

O esforço coletivo teve como resultado imediato a confirmação de que na próxima quarta, um grupo de mulheres ocuparia os microfones da rádio comunitária para anunciar a força da mulher solidária.

Desde então, toda quarta-feira às 19h30, as mulheres estão na Rádio Comunitária Edson Queiroz para falar sobre economia solidária, trocar receitas culinárias, falar sobre o bairro: constituir sua dialogia no cotidiano da cultura do mundo vivido, vivenciando, então, novas produções identitárias de resistência.

É possível dizer, portanto, que o programa “A Força da Mulher Solidária” se constituiu em um exercício de fortalecimento do grupo de mulheres do Dendê, na perspectiva em que possibilitou outro espaço de diálogo entre as participantes e também com a comunidade mediado pelos microfones da emissora comunitária.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Rizioneide Souza. *A ECONOMIA SOLIDÁRIA, UM PASSO ALÉM DA INFORMALIDADE: a experiência do Dendê – Fortaleza – Ceará*. Rio Grande do Norte: UFRN, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

ANDRADE, J.T. (org) *Pesquisa O Adolescente do Dendê – comunidade, comportamento e sexualidade*. Fortaleza: UNIFOR, 1992

ARAÚJO, Ana Maria Matos e CARLEIAL, Adelita Neto. *Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (CEARÁ/BRASIL)*. REVISTA ELECTRONICA DE GEOGRAFIA Y CIENCIAS SOCIALES – Universidad de Barcelona, vol. VII, núm. 128(030), 01 de agosto de 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*; Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BRAGA, Elza e BARREIRA, Irllys. *A política da escassez – lutas urbanas e programas sociais governamentais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1991

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; 4ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

COGO, Denise Maria. *No ar...uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ESCOTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

FERREIRA, Antônio José Alves, *Cartilha Comemorativa dos 35 anos do Bairro Edson Queiroz*. Fortaleza: ECCED – Entidade Comunitária de Cultura, Esporte e Desenvolvimento do Bairro Edson Queiroz, 2005

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais – Paradigmas Clássicos e contemporâneos*. SP, Edições Loyola, 1997

GONÇALVES, Maria Ronízia. *Rádio no Beco: Cotidiano e Linguagem*. São Paulo: PUCSP, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999

HALL, Stuart. “Old and new identities, old and new ethnicities”. In: KING, Anthony D. (org.), *Culture, Globalization and the world – system*, London: Macmillan, 1991 a.

LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez (org) *Imagens do Outro*. Petrópolis (RJ); Vozes; 1998

LIMA, Nonato e PINHEIRO, Andréa. *Rádio e desenvolvimento infantil: Análise de estratégias de comunicação e educação para a cidadania*. Anais do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org) *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense, 1995

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.* Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998